vinetur

Ensaio no Brasil revela que oito castas reduzem drasticamente o uso de fungicidas nas vinhas de Minas Gerais

As videiras PIWI não precisaram de fungicidas contra o míldio em dois ciclos, revelando potencial para uma produção de vinho mais sustentável

quarta-feira, 11 de novembro de 2026



Um ensaio de campo no sul de Minas Gerais concluiu que oito castas resistentes a doenças podem reduzir significativamente a necessidade de fungicidas nas vinhas, mantendo potencial para a produção de vinho, segundo a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, conhecida como EPAMIG.

O estudo, realizado entre 2021 e 2025, centrou-se em castas do grupo PIWI, termo de origem alemã usado para designar videiras obtidas através de melhoramento genético para resistirem a doenças fúngicas. A investigação decorreu numa vinha da adega Stella Valentino, em Andradas, no estado de Minas Gerais, com material vegetal doado pelo viveiro italiano Vivai Cooperativi Rauscedo.

O projeto analisou o desempenho das videiras nas condições locais de cultivo e a possibilidade de as uvas produzirem vinhos com características técnicas e sensoriais aceitáveis. Segundo a investigadora da EPAMIG Cláudia Souza, que coordenou o trabalho, o objetivo era identificar alternativas que permitissem uma viticultura mais sustentável sem abdicar da qualidade.

O ensaio incluiu quatro castas brancas — Sauvignon Kretos, Sauvignon Rytos, Fleurtai e Soreli — e quatro tintas — Merlot Kanthus, Merlot Khorus, Cabernet Eidos e Cabernet Volos. Ao longo do estudo, os investigadores realizaram duas vindimas de verão e uma de inverno.

A produtividade variou entre 1,5 e 3,5 quilogramas por videira, consoante a casta. No entanto, o principal resultado destacado pelos investigadores foi a necessidade reduzida de tratamentos para controlar doenças.

Souza afirmou que, no último ciclo de produção de verão e no ciclo de inverno, não foram necessários fungicidas para controlar o míldio, uma das principais doenças da videira. Para o oídio, foram feitas apenas três aplicações ao longo dos dois ciclos de produção.

Este resultado é relevante para os produtores de vinho brasileiros, uma vez que o uso de fungicidas representa uma das principais pressões em termos de custos e gestão nas vinhas, sobretudo em condições de humidade favoráveis às doenças fúngicas. Se um desempenho semelhante for confirmado numa escala comercial mais ampla, as

castas resistentes poderão ajudar as adegas a reduzir o uso de produtos químicos, os custos de mão de obra e de aplicação, e a reforçar os argumentos de sustentabilidade, numa altura em que os viticultores também se adaptam à alteração dos padrões meteorológicos.

As castas PIWI testadas pela EPAMIG resultam de cruzamentos entre Vitis vinifera, a espécie tradicionalmente utilizada na produção de vinhos de qualidade, e outras espécies de videira portadoras de genes de resistência. Ainda assim, a instituição de investigação afirmou que as plantas conservam mais de 85% do património genético de Vitis vinifera. A EPAMIG acrescentou que as castas estão registadas como pertencendo a essa espécie nos catálogos europeus de variedades e junto do Ministério da Agricultura e Pecuária do Brasil.

Para além do desempenho na vinha, as oito castas foram também submetidas a microvinificação, um processo de vinificação em pequena escala utilizado para avaliar o potencial enológico antes de uma adoção comercial mais ampla. A EPAMIG afirmou que os testes indicaram potencial de vinificação nas condições estudadas no sul de Minas Gerais.

Os resultados acrescentam dados de campo do Brasil a um esforço internacional mais amplo para desenvolver uvas capazes de resistir melhor à pressão das doenças sem depender fortemente de produtos fitofarmacêuticos. Em regiões onde são frequentemente necessários tratamentos repetidos para preservar a produtividade e a qualidade da uva, o material vegetal resistente a doenças tem despertado interesse como possível forma de reduzir o impacto ambiental e tornar a produção mais resiliente.

Em Minas Gerais, esta questão tem importância prática, uma vez que o estado tem vindo a reforçar a sua presença na produção de vinho nos últimos anos, nomeadamente através de sistemas de vindima de inverno que transferem a maturação para os meses mais secos. Testar castas resistentes nestas condições permite aos produtores avaliar melhor se as videiras se adequam aos modelos de produção locais, em vez de apresentarem bons resultados apenas em contextos europeus, onde muitas castas PIWI foram inicialmente desenvolvidas.

Souza afirmou que o estudo foi concebido para verificar tanto o comportamento na vinha como o potencial de produção de vinho na região. Segundo a EPAMIG, os resultados sugerem que este grupo de castas poderá alargar as opções disponíveis para os viticultores que procuram uma viticultura de menor impacto e, ao mesmo tempo, atrair consumidores interessados em práticas agrícolas com uma pegada ambiental mais reduzida.

Para a indústria das bebidas, isso poderá vir a influenciar mais do que as práticas agrícolas. Se as uvas resistentes demonstrarem viabilidade comercial, poderão influenciar as decisões de investimento nas vinhas, os portefólios de castas e a forma como as adegas brasileiras posicionam os seus produtos num mercado cada vez mais atento aos métodos de produção, além do sabor e da origem.